

SABERES E FAZERES DA EXPERIÊNCIA NA CULTURA DA PESCA NO SEMIÁRIDO PARAIBANO

Carlos Kleber Sobral Corlett

Janice Barbosa de Medeiros

Maricélia Miguel de Araújo Marinho

Inácia Érica de Farias Sobral Corlett

Orientação: Dra. Patrícia Cristina de Aragão

PESCADORES E PESCADORAS DO AÇUDE MINISTRO JOSÉ AMÉRICO, COLÔNIA Z 27 - SOLEDADE - PB



Imagem 1: Pescadores e Pescadoras da Colônia Z 27 reunidos (as) em sua sede em Soledade, PB

Entrevistado IV:

“A gente desde criança que a gente samos pescadores, né? Samos pescadores. Meus avô foi pescador, meus pai foi pescador. Aí, daí, eu fiquei nesse, nesse intuito de ser, continuar da luta de pescar e fiquei aqui. Quando foi em 2021, como lhe falei, aí surgiria no Rio Grande do Norte uma oportunidade de eu tá reunido, que eu sempre gosto de participar de reunião, aonde existiu, que existia a colônia de pescadores para dar sustentação aos pescadores aí de lá eu conversei com o pessoal do IBAMA, o pessoal da marinha, o pessoal do DNOCS. Lá, eu pedi a licença da palavra e lá falei com eles que aqui em Soledade tinha um açude aonde o açude tava seco, mas existia muitos pescadores, tinha muita ficha no DNOCS, onde o pessoal era fichado no DNOCS. Aí ele disse: Você pode abrir a colônia lá sem nenhum problema, chamou um cara chamado piruca, que era presidente de no Rio Grande do Norte pra nos ajudar e daí nos comecemos a trabalhar e foi... nasceu em 2004 essa colônia aqui em Soledade. Aí, daí, nos tamo trabalhando nesse objetivo e eu tenho certeza que os pescadores e as pescadoras tudim só tem somente a ganhar, por que aqui onde tem a assistência tecna também sem ser tecna, nós temos cursos, nós temos vários tipos de atividades aqui pros pescadores.” (PESCADOR IV)

INTRODUÇÃO

As relações sociais são um pouco complexas, nos fazem pensar e repensar ações, além de nos trazer diversos questionamentos, difíceis até de responder, principalmente, quando se tratam das relações sócio espaciais. Por isso, buscando responder algumas dessas questões foi preciso a criação de novos instrumentos e estratégias alusivos as realidades que perpassam o cotidiano de nossas vidas. É partindo dessa premissa, que surge a Cartografia Social, como uma tentativa de explicar as realidades sociais a partir da participação social na confecção de mapas no final do século XX.

Conforme ASCELRAD (2010), a Cartografia Social surgiu no final do século XX, juntamente com as representações cartográficas que passaram a contemplar a participação de populações locais nos processos de produção de mapas, sendo que essa nova forma de mapeamento envolvia, e ainda envolve, agências governamentais, organizações não governamentais, povos e comunidades tradicionais como indígenas e quilombolas, cooperação internacional, fundações privadas, universidades, dentre outros.

Assim, a cartografia social é um ramo do conhecimento cartográfico que surge na modernidade como uma metodologia participativa e social, objetivando propiciar possibilidades para dar poder, visibilidade, vez e voz aos povos tradicionais e grupos sociais fragilizados.

ASCERALD (2011) apud GORAYEB (2014, p. 3), acredita que:

Por meio do mapeamento social, busca-se dar voz e visibilidade às diversas categorias sociais, como às mulheres quebradeiras de coco, ribeirinhos, homossexuais, quilombolas, indígenas, faxinalenses, artesãos, extratores, pescadores, seringueiros, castanheiros, carvoeiros, etc. [...] Com o apoio de sindicatos, associações, movimentos, cooperativas, esses grupos têm utilizado o mapa social “como forma de afirmar direitos territoriais” em diferentes contextos.

Dessa forma, percebemos que, os mapas podem ser produzidos pelos mais diversos grupos sociais, aqui, chamados pelos autores de categorias sociais, até então, “invisíveis” / “esquecidos” pela sociedade, cujos saberes e fazeres são negados, principalmente, na escola e pelos currículos escolares, mesmo estando esses indivíduos inseridos nesse espaço de formação educacional como um meio que, com apoio de sindicatos, associações e movimentos sociais consolidam seus direitos territoriais em contextos diversos.

Sendo assim, decidimos produzir uma cartografia social numa colônia de pescadores do município de Soledade - PB, a chamada Z 27, que utiliza o Açude Ministro José Américo, também chamado de Açude do Estado para sua sobrevivência, um manancial localizado numa área de baixo índice pluviométrico que é o semiárido paraibano.



Imagem 2: Foto Açude José Américo em Soledade - PB (2015)

Realizamos alguns estudos bibliográficos sobre a conceituação de cartografia social e pesca artesanal, além de nos reunirmos presencialmente e online para elaborarmos algumas questões que seriam/foram aplicadas aos pescadores, visitas e entrevistas com alguns filiados da colônia Z 27, inclusive, com o presidente da mesma.

Nessa pesquisa o uso da Cartografia Social está relacionado aos (as) pescadores (as) da colônia de pescadores Z 27, que fica localizada no município de Soledade, PB. A pesquisa tem como principal objetivo saber como se deu a criação/fundação da colônia, os saberes e fazeres da experiência dos (as) pescadores (as). Ela (A pesquisa) se deu num primeiro momento através de levantamentos bibliográficos e estudos acerca do próprio instrumento de trabalho. Num segundo momento, foram elaboradas questões e desenvolvidas entrevistas com quatro (04) pescadores, em que procurou-se entender, principalmente, algumas características deles, como se organizam enquanto grupo social, os locais onde desenvolvem as atividades da pesca, como surgiu a colônia de pescadores, se esses saberes e fazeres

da experiência da pesca são passados de pai para filhos e se recebem alguma ajuda do governo ou algum órgão e/ou entidade privada. Após as entrevistas, realizamos a sistematização e análise dos dados que culminaram com esta produção, importante para nós, pois, levamos em consideração a nossa interação e troca de conhecimentos com os pescadores da colônia Z 27.

Essa colônia está localizada próxima ao açude de Soledade - PB, inaugurado em fevereiro de 1933, foi construído objetivando aumentar a disponibilidade de água para abastecimento, com medida de combate a escassez de água na região. Está situado na entrada de Soledade (BR 230), no sentido de Soledade a Campina Grande, ele tem sua capacidade máxima de 27.058.000 milhões de m³ de água, de acordo com AESA (2014).

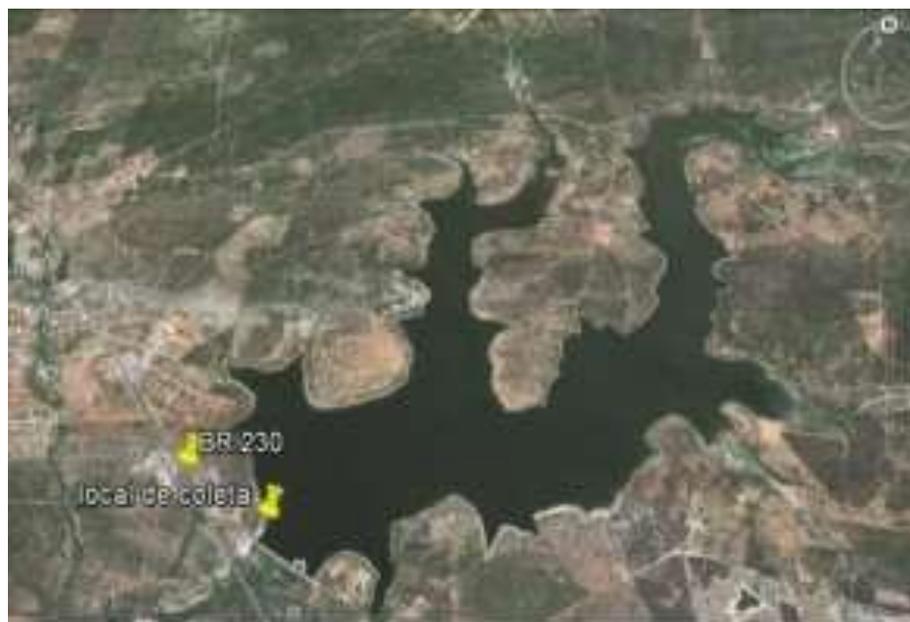


Imagem 3: Imagem de Satélite do Açude de Soledade. Fonte: GOOGLE EARTH

O QUE NOS MOTIVOU A ESCOLHER ESSA TEMÁTICA?

Tratando-se de cultura, por exemplo, vimos e aprendemos, segundo (THOMPSON, 1998; BARTH, 2000 apud MATOS, Cleide Carvalho de. Et al, 2021, p. 406) que,

Cultura, no sentido antropológico, pode ser interpretada como um conceito que abarca tradições, simbolismo, cosmovisões, crenças, experiências, saberes, modos de ser e estar no mundo, de cada povo e em cada contexto histórico. Não consiste, portanto, em um sistema universal, ao contrário, configura-se como um sistema de referências e significações heterogêneas.

Com base no exposto, o conceito de cultura não se restringe apenas a um sistema único, mas a um sistema de sentidos e significados diversos e ao mesmo tempo específicos, transformados com frequência pelos grupos sociais quando entram em contato com outros grupos sociais.

Nosso país possui uma grande extensão territorial e geográfica, por isso, possui uma variedade de climas, paisagens, biomas, povos, culturas, lugares, hábitos, etc. Daí, ser um país multicultural, formado por diversos povos que contribuíram e contribuem para/com a formação de nossa identidade.

Com base nessa premissa, podemos nos perguntar: Qual o reflexo dessa diversidade na educação brasileira? O processo de aprendizagem de uma criança que está em São Paulo, por exemplo, sofre influências e está em um contexto bem diferente de uma criança que se encontra na Paraíba? Para responder essas perguntas, atualmente, contamos com a Base Nacional Curricular Comum – BNCC (2017, p. 9), que é,

[...] um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). Este documento normativo aplica-se exclusivamente à educação escolar, tal como a define o § 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996) e está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN).

Entretanto, no nosso cotidiano, em nossa prática docente, por mais que a BNCC norteie os currículos, sabemos que temos muitas regionalidades e que algumas não são consideradas e contempladas pelo currículo escolar.

A própria conceituação de currículo expressa por Oliveira (2012) apud Gonçalves & Rosa (2021, p.137) nos dá embasamento para isso, quando diz:

[...] a noção de currículo, especialmente os currículos *pensados praticados* (OLIVEIRA, 2012) nos cotidianos escolares, é muito mais ampla do que os temas ou conteúdos postos. [...] Consiste no reflexo da imensa diversidade cultural dos funcionários, professores e alunos; bem como das conjunturas e interesses sociais, econômicos e, até mesmo, políticos que integram o próprio ambiente acadêmico. Assim sendo, o currículo é criado e reinventado, diariamente, assimilando práticas e eliminando aspectos; revelando, dessa forma, possibilidades até então inimagináveis.

Assim, a interação entre os sujeitos que estão na sociedade e, principalmente, pertencem ao cotidiano escolar, precisa ampliar sua realidade por meio de novas formas de participação social, muitas vezes, esquecidas, o que acaba contribuindo para exclusão desses sujeitos.

Portanto, o que nos motivou a escolher essa temática através desse instrumento, foi o desejo de conhecer e aprender a construir uma cartografia social e conhecer saberes e fazeres da experiência da pesca no semiárido paraibano de pescadores, uma categoria social de comunidade tradicional próxima de nós, de nossa realidade. Para isso, trabalhamos numa perspectiva inclusiva, para dar visibilidade aos mesmos, aprendendo e/ou confirmando que a pesca é uma importante atividade econômica e de subsistência do município de Soledade - PB e região.

MATERIAIS E MÉTODOS: METODOLOGIA UTILIZADA NA CARTOGRAFIA SOCIAL

Para Costa (2010, p. 5),

Cartografia Social é uma proposta conceitual e metodológica que permite construir um conhecimento integral de um “território”, utilizando instrumentos técnicos e vivenciais. Trata-se de uma ferramenta de planificação e transformação social que permite uma construção do conhecimento a partir da participação e do compromisso social, possibilitando a sua transformação. Reconhece na pesquisa, que o conhecimento é essencialmente um produto social e se constrói num processo de relação, convivência e intercâmbio com os outros (entre seres sociais) e destes com a natureza. A metodologia para a sua realização possui fundamentos conceituais da pesquisa-ação participativa baseados no território como elemento fundamental da metodologia e tem demonstrado grande ajuda e importância no diagnóstico participativo.

Dessa forma, entendemos a Cartografia Social como sendo uma ferramenta indispensável para que ocorra uma transformação social, tendo em vista que, a mesma requer a participação e compromisso social dos sujeitos envolvidos em sua construção, eles são atores sociais e ocupam o território e o espaço estudados, apresentando seus saberes, fazeres e viveres da experiência das diversas culturas existentes.

Segundo NETO (2016), [...] as relações do mundo atual devem ser compreendidas para além das quantificações e é nesse contexto que surge a Cartografia Social, ou seja, esse tipo de cartografia consiste em um procedimento metodológico coletivo e participativo, objetivando principalmente a construção de mapas que levem em consideração dimensões coletivas e participativas da sociedade que contribui significativamente para a mesma.

Pensamento alinhado ao de COSTA (2010, p. 9), que afirma e completa,

[...] a Cartografia Social uma metodologia nova e uma alternativa que permite às comunidades conhecer e construir um conhecimento integral do seu território, para que possam escolher uma melhor forma de vivê-lo. É uma forma de pesquisa humanista e humanizadora. É uma proposta conceitual e metodológica nova que faz uso de instrumentos técnicos e vivenciais. Esse tipo de mapas (em oposição aos mapas tradicionais elaborados unicamente pelos técnicos) é elaborado pela comunidade num processo de planejamento participativo, pondo em comum o saber coletivo (horizontal) e, dessa forma, legitimando-o. É um processo democrático de produção de conhecimento através da transcrição da experiência dos lugares não nomeados. Os membros da comunidade analisam coletivamente os problemas sociais, num esforço para compreendê-los e solucioná-los.

Assim, no mapeamento social, as comunidades representam o seu mundo, de sua forma. E um mapa não é algo fechado, mas um processo permanente de construção. Inclusive, já há estudos recentes acerca da Cartografia Escolar e da Alfabetização Cartográfica, tanto na Educação Infantil quanto nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, etapas da Educação Básica que atuamos.

Identificar em nossos estudos a informação supracitada nos alega, pois partindo da conceituação de Cartografia Social apresentada, trabalhar o referido instrumento nessas etapas iniciais da Educação Básica é dar visibilidade as crianças e aqueles (as) alunos (as) que estão na escola diariamente e têm seus saberes e fazeres da experiência negados pelo currículo escolar. Acreditamos, sem o debate da importância de seus lugares de pertença/realidades locais “Tudo aquilo que eles sabem de experiência própria e bem vivida não é levado em conta.” (CECCON, Claudius. Et al, 1982, p. 17).

Com base no exposto, esta área de estudos torna-se essencial tanto no processo de escolarização quanto no processo de desenvolvimento integral da criança. Daí, identificarmos uma área nova e em ascensão, pois busca desde cedo, dar voz e visibilidade as crianças/povos de comunidades tradicionais que estão no interior das instituições escolares brasileiras e, sobretudo, paraibanas. Lamentável mesmo é o fato das nossas instituições escolares não darem tanto valor ou importância a esses saberes e fazeres existentes na escola, que ainda são passados de pai para filhos no seio da instituição familiar.

Como diz o Pescador IV, quando perguntado se a pesca é ensinada de pai para filho na colônia ou os pais incentivam os filhos a ter outras profissões, ele diz: “Meu querido, aqui em Soledade, é de pai para filho. Por que a gente temos aqui muitos pescadores que o pai foi pescador, os avôs foi pescador, todos foram pescador. 90% dos nossos pescadores aqui é de herança dos pais.”

As leituras que foram escolhidas para desenvolver o referencial teórico desse trabalho, levaram a compreensão do conceito de Cartografia Social e dos conceitos de currículo e cultura, a metodologia teve como grande abordagem a Cartografia Social conceituada por autores, como: ASCERALD (2010) e GORAYEB (2014), os quais discutem a importância dos sujeitos enquanto atores sociais e construtores de suas próprias cartografias. Infelizmente não tivemos como realizar as oficinas para construção do mapa social, tendo em vista que a sede onde funciona a colônia está passando por reforma em sua estrutura física e seu presidente se encontrar enfermo.

Realizamos uma breve entrevista com alguns pescadores dos municípios de Soledade e Cubati, inclusive, um dos entrevistados, foi o presidente da colônia Z 27, mesmo doente ele nos recebeu em sua residência e foi muito gentil em compartilhar seus conhecimentos conosco.

O questionário continha perguntas simples, do tipo abertas: Como vocês enfrentam o período da estiagem? De onde surgiu o interesse da escolha da pesca como profissão? A cultura da pesca é repassada de pais para filhos ou eles são incentivados a seguirem outras profissões? Existe algum período durante o ano que a atividade da pesca não é permitida? Quais as principais dificuldades enfrentadas por vocês pescadores no período da pandemia? Além de outras perguntas, que foram destinadas apenas ao presidente da colônia de pescadores: Desde quando a pesca se tornou uma importante atividade econômica aqui no município? Aqui em Soledade, esse é o único reservatório que é usado para pesca? Ou vocês, além desse, tem outros mananciais aqui no município mesmo ou vão pescar também fora? Vocês pescadores têm o apoio de alguma entidade que os ajuda com cursos? Quando e quem foram os fundadores dessa colônia de pescadores? O senhor sabe ou se lembra agora quantos pescadores (as) vocês têm filiados (as) na colônia? Como presidente da colônia de pescadores, o senhor já foi convidado para ir para alguma escola falar do seu trabalho? Esses saberes e fazeres da experiência da pesca, que passam de pai para filho, estão sendo trabalhados na escola? Como?

Portanto, compreendendo, que o pescador artesanal é aquele profissional que exerce a pesca com fins comerciais, com uso de instrumentos artesanais, embarcações pequenas, e podem atuar em regime de economia familiar ou de subsistência, optamos por uma pesquisa qualitativa por meio de entrevista com perguntas abertas, realizada com quatro (04) pescadores de nossa região, filiados a colônia de pescadores Z 27, que vivem e sobrevivem da pesca artesanal no Açude Ministro José Américo, situado em Soledade - PB, em meio ao semiárido nordestino, onde a conservação dos recursos hídricos é uma preocupação frequente.

DISCUSSÕES E ANÁLISES: PESCA ARTESANAL, PESCADORES: SEUS SABERES E FAZERES

A pesca sempre se fez presente na história da humanidade, tanto para subsistência quanto para mercantilização. Ela pode ser vista/tida como uma atividade produtiva ou de lazer. Atualmente, ela é uma importante fonte de renda para o município de Soledade, PB e cidades circunvizinhas do semiárido paraibano, mas em momentos de estiagem se torna bastante sacrificante, pois os pescadores muitas das vezes tem que procurar outra fonte de renda nesse período ou se deslocar para outros estados em busca de açudes públicos.

No período da estiagem nós trabalhamos em outra atividade quando não podemos viajar por outra região que também está sofrendo da mesma forma. Tem região que não tem esse sofrimento com estiagem nós viajamos até lá, pode ser no Rio Grande do Norte, pode ser no alto sertão, onde tem açude público nós vamos até lá. (PESCADOR I).

Nesses difíceis e árduos períodos enfrentados pelos pescadores, que são os períodos de estiagem/seca, alguns açudes se mantêm cheios, mesmo que não tendo água em sua capacidade total, eles são distantes e localizados em outros estados e/ou privados. Quando seus açudes secam, impossibilitando a pesca, os pescadores encontram nos que ainda dão para pescar, a solução para seus problemas. Mês mo enfrentando muitos obstáculos e dificuldades, alguns deles são persistentes.

Nós enfrenta o período de seca, normalmente, né? É. Os caba pescando, vão pescar no açude aqui seco, teve seco. Mas, vão pescar no Mucutu, vão pescar em Taperoá, vão pescar no Rio Grande do Norte, vão pescar em Pernambuco. Aí coloca no lugar todos os pescadores que o pescador, ele profissional, ele pode pescar em qualquer região que pertencer a área do, do governo federal. (PESCADOR IV)

Há, ainda, os que optam por não irem para outros açudes, acabam passando por momentos difíceis, segundo o pescador III: “O período da estiagem é muito difícil pra gente porque os açudes ficam secos e agente não tem onde ir pescar o peixe, é muito difícil, agente passa até necessidade.”

Percebemos, nessas falas, uma contradição. Enquanto o pescador IV fala de ir buscar seu sustento em outros açudes, inclusive, em outros estados. O pescador III afirma que não tem onde ir pescar o peixe. Talvez essa justificativa se dê em função das dificuldades financeiras e a falta de apoio anteriormente dada e retirada pelo

governo municipal, que facilite esse deslocamento, como podemos comprovar num outro trecho da fala do pescador IV:

[...] O pescador aqui que quiser sair pra outra cidade, ele vai ter que bancar do bolso dele. Antigamente, não. Antigamente, a gente tinha apoio dos governos, né? A gente era melhor pra gente. Quando a gente encontra açude tinha, tinha o carro pra levar, tinha o carro para ir buscar. Hoje, não. Hoje o pescador tem de bancar tudo do bolso dele. (PESCADOR IV)

Com base na fala acima, percebemos que entre as adversidades que os pescadores enfrentam, a falta de apoio dos governos municipal, estadual e/ou federal impede alguns desses sujeitos, sobretudo, por questões financeiras, de buscar seu alimento e/ou fonte de renda em outros lugares nos períodos de estiagem/seca.

Vários são os motivos que levaram esses indivíduos a serem pescadores (as) e a fundarem uma colônia, que brevemente, será uma cooperativa, conforme nos confidenciou um dos pescadores entrevistados. Porém, acreditamos, que o maior e o mais forte, foi o exemplo e ensinamento de seus pais.

Outro entrevistado respondeu que, “A falta de ensino educacional, e interesse pela pesca” (PESCADOR II) o fizeram ser pescador. Localizamos aqui, a informação de que, o motivo de ser pescador para este sujeito, refere-se a sua falta de estudos. Algo compartilhado pelo pescador III: “O interesse pela pesca surgiu porque o meu estudo era pouco, não tinha emprego, a dificuldade era grande na época, comecei a pescar, aí me interessei, graças a Deus me tornei um profissional e hoje ainda vivo na pesca, é do que eu vivo há 40 anos.” Assim, mesmo atribuindo seu interesse pela pesca e escolha dessa profissão a sua falta de escolarização, o pescador III diz que se interessou por este ofício, identificando-se e sobrevivendo graças a ele.

Acerca, se esses saberes e fazeres eram, de fato, repassados para seus filhos, uma das respostas nos chamou atenção, pois o pescador apontou um percentual com base em sua experiência de vida e de trabalho: “Meu querido, aqui em Soledade, é de pai para filho. Por que a gente temos aqui muitos pescadores que o pai foi pescador, os avôs foi pescador, todos foram pescador. 90% dos nossos pescadores aqui é de herança dos pais.” (PESCADOR IV).

Mais uma vez, vemos a importância da educação familiar e os saberes e fazeres da experiência das comunidades tradicionais e locais na formação dos seus (suas) filhos (as), que desde cedo, aprendem as culturas e valores ofertadas por seus pais sobre seus lugares de pertença. Algo de extrema relevância, pois, “O lugar seria

a base da reprodução da vida, podendo ser analisado pela tríade habitante - lugar-identidade” (MOREIRA, 2007, p.53).

Nas entrevistas realizadas, concluímos que, alguns (mas) filhos (as) seguem o ofício dos pais, entretanto, outros não querem aprender os saberes da pesca e buscam outras profissões e fontes de renda, diferente dos seus genitores. Como disse o pescador III “A cultura da pesca incentivei meus filhos, mais nem um quiseram seguir, seguiram outros caminhos.”

Outros (as) filhos (as) optam por continuar o legado de seus pais e avós e não buscam outras oportunidades por não terem estudo ou continuar os saberes e fazeres que aprenderam com seus ancestrais.

Nas colônias de pescadores, geralmente, o trabalho é realizado pelos pais. Compreendemos a conceituação de colônias partindo do que diz BERGOSSI (2002): “[...] são organizações sociais que representam a classe dos pescadores no sentido de intervir a favor da atividade junto ao governo brasileiro, desde 1946.”.

No caso da colônia de pescadores Z 27, sua criação, fundação e motivo de seu nome, deu-se em 2004. Acerca dessa questão, o pescador IV, nos disse:

Foi 2004 que nem eu te falei, né? A gente fumo à João Pessoa e lá em João Pessoa e abria, tinha uma vaga para cuselo, para uma colônia. E daí, lá eu tava mais minha esposa, lá em João Pessoa numa reunião estava lá, imediatamente, falei com o pessoal da Marinha e do IBAMA, aí consegui, consegui registrar o nome da minha esposa que tem fim que o nome dessa colônia é o nome de meu pai que nós não conhecia o nome completo de alguns pescadores, a gente não tinha a noção de quantas pessoas que era pescadores mais efetivo. Aí coloquei o nome do meu pai: Antônio Inácio de Lima. Ela se chama Antônio Inácio de Lima, vulgo 27. Por que todas colônias tem que ter seu matrícula. A da gente é Z 27. Aí, daí, nós se fumos pro Ministério do Trabalho e registremo lá esse nome e de lá veio, chegou o selo. Chegou o selo. Hoje, a gente trabalha aqui desde esse dia, quando foi, de repente, fizemos a eleição, a minha esposa passou quatro anos e depois de quatro anos, aí eu fiquei a frente, eu tô com dois mandatos dessa colônia aqui de pescadores. (PESCADOR IV)

Percebemos que este é um grupo social organizado, que buscou diálogo e ajuda para sua criação/fundação, enquanto colônia, com órgãos governamentais e grupos já organizados que sobrevivem da pesca.

Questionados se existia algum período do ano em que a pesca não era permitida, todos responderam durante a reprodução dos peixes. Um pescador disse até que, também quando os alevinos eram colocados no açude para crescer eles não podiam pescar.

Todo ano tem um período de três meses que não pescamos que é para que os peixes se reproduzam e até mesmo o que eles soltam cresçam um pouco. A gente recebemos o seguro defesa que é um salário mínimo por cada mês, então são três salários mínimos, os três meses que é justamente pra gente ficar em casa esperando passar esse período. (PESCADOR I).

Sendo assim, identificamos a informação de que, existe um período do ano que a pesca não é permitida, chamado de período de piracema. De acordo com Leira, (2020) A piracema é a maneira natural que o peixe possui para desencadear as alterações fisiológicas necessárias para a reprodução. Essas alterações têm como resultado a liberação de hormônios da reprodução.

Alguns pescadores, em suas entrevistas, apontaram as datas que formam este período. “[...] de 1º de dezembro a 1º de março.” (PESCADOR II). Período reafirmado pelo pescador III: “[...] de 1º de dezembro a 1º de março é proibido pescar, é proibido por lei.”

Os peixes que realizam a piracema são classificados como peixes migratórios, enquanto os demais são classificados como secundários. Os primeiros, para fecharem seu ciclo reprodutivo, necessitam de três ambientes diferentes dentro da bacia hidrográfica: área de desova, área de crescimento e área de alimentação. Como esses ambientes são encontrados em diferentes locais da bacia, os peixes precisam nadar rio acima ou nos açudes em busca dessas condições. Os peixes sedentários, por sua vez, conseguem completar seu ciclo de vida na mesma área da bacia hidrográfica onde vivem e por isso não realizam piracema.

Como vimos, no período de reprodução dos peixes, os pescadores recebem o seguro defesa, que é um auxílio do governo no valor de um salário mínimo. Algo reforçado pelo pescador IV: “[...] Quatro meses a três meses que o pescador não pode, não pode pescar. Ele tem três meses. Durante esses três meses que ele não pode pescar, aí ele recebe os três meses de salário.”

Percebemos que, esse período de não poder pescar devido a reprodução dos peixes ou colocá-los pequenos no açude e ter que esperar que cresçam, não é mais tão difícil, visto que, hoje, os pescadores filiados a colônia de pescadores recebem um benefício durante três meses que, acreditamos, supre em parte suas necessidades e as de sua família. Entretanto, todos os entrevistados relataram, em suas repostas, que o período da pandemia do COVID-19 foi um período difícil e bastante sofrido, em

diversos aspectos, para os (as) pescadores (as) da colônia Z 27. Perguntados acerca das dificuldades que encontraram na referida pandemia, um deles relatou:

É apoio, né? Apoio. Apoio assim dos poder municipal, dos poderes estaduais por que a gente vê que uma cidade que nem Soledade que até se a gente tivesse o apoio do poderes municipais, a gente, as coisas eram melhor pra o pescador. O pescador aqui que quiser sair pra outra cidade, ele vai ter que bancar do bolso dele. Antigamente, não. Antigamente, a gente tinha apoio dos governos, né? A gente era melhor pra gente. Quando a gente encontra açude tinha, tinha o carro pra levar, tinha o carro para ir buscar. Hoje, não. Hoje o pescador tem de bancar tudo do bolso dele. E na empendemia foi muito pesado pro pescador porque foi um ano muito sofrido. Ano de muita dor com as pessoas, a gente perdemos aqui vários pescador aqui em Soledade, perdemos três pescadoras, perdemos dois pescador pela essa empendemia, que veio aí, né? Essa doença mardita, né? Mas, e aí sempre a gente se adomestiquemos também da luta. (PESCADOR IV).

Outros, porém, alegaram que era se deslocar para outros lugares e/ou regiões a fim de venderem seus produtos, neste caso, os peixes.

Na pandemia as maiores dificuldades era a gente sair para outras regiões que tinha peixe com medo, pois a gente achava que a doença era mais naquela região do que na nossa. A dificuldade era essa, viajar para esses outros açudes, como de Parelhas, Taperoá, esses outros açudes que tinha água, tinha peixe. (PESCADOR I).

Durante a pandemia foi muito difícil prá gente, não tinha feira pra gente vender o peixe, o pessoal não saía de casa pra vir comprar na casa da gente, muitas vezes pegava o peixe e não tinha pra quem vender (PESCADOR III).

Infelizmente, esse período da pandemia trouxe inúmeras dificuldades em todos os aspectos para os (as) pescadores (as), foram eles de cunho sociais, econômicos, emocionais... No tocante as vendas dos peixes, por exemplo, devido ao isolamento social, as feiras livres de Soledade - PB, foram impedidas de serem realizadas e as pessoas não deixavam suas residências com medo de adoecer e morrer. Este sem dúvida, foi um período de escuridão para os pescadores da colônia Z 27. Pois, além do medo da perca, de morrer, veio a falta de apoio, mas apesar de tanta adversidade, os pescadores se mostraram resistentes e como um disse, **eles (Grifo nosso)** se adaptaram a doença já que não desistiram da luta.

Sobre o número exato de pescadores (as) filiados (as) a colônia de pescadores Antônio Inácio de Lima, a Z 27, um dos entrevistados, o pescador IV (Presidente da colônia de pescadores e vereador em Soledade - PB), nos disse:

Nós tinha duzentos e noventa e duzentos e noventa. Hoje, nós temos aposentados, nós temos cinquenta aposentados. Nós temos vinte e um, vinte e um que é do caso de morte, de, de... essas coisas e nós temos cinco encostados por validez de doença, que é, que foi válido, que não podem trabalhar. Nós temos um total hoje de cento e dezenove, cento e noventa e oito nessa média de efetivos. (PESCADOR IV).

Identificamos na fala do pescador uma contradição no número exato de pescadores (as) filiados (as) na colônia. Entretanto, ele relata a situação atual de alguns filiados (as).

O presidente da referida colônia de pescadores também foi questionado se, pelo cargo de presidente que ocupa, já foi convidado para ir para alguma escola falar do seu trabalho. Ou se, esse saber, que passa de pai para filho, está sendo transmitido na escola. E, se sim, Como? Seu Chiquinho, como carinhosamente é conhecido por seu povo e no município, atentamente, respondeu:

Aqui teve a escola daqui, a Juvina. A Juvina daqui do Alto São José foi uma, teve um encontro lá com as crianças. E as crianças ela foi muito importante, que as crianças lá perguntando como fundou a colônia, como foi a colônia, tudo gravado, né? Mas só que a menina não passou nem a gravação desse sistema, desse sistema que foi feito. Eu tenho que pedir a ela por que nós depende muito da ação social. Pro social isso é importante pra gente. Pra gente ter esse documento. Mas, ela não passou pra gente esse informação. Mas, qualquer hora vou cobrar da professora que foi um dia muito importante que as crianças perguntando; quem foi o fundador? Quem foi os... contando a história da colônia todinha. Agora, no dia, tinha uma mulher sacodindo a tarrafa lá, mas a mulher por causa da empendemia não pode ir. Mas, a minha mulher quem sacode a tarrafa. (PESCADO IV)

Detectamos, com base na resposta dada, que a instituição escolar situada no Bairro Alto São José, em Soledade - PB, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Juvina de Oliveira Monteiro, onde se localiza a Colônia de Pescadores Antônio Inácio de Lima e que atende as crianças, filhos (as) dos (as) pescadores (as) trabalha atividades alusivas aos saberes e fazeres da experiência da pesca, talvez incentivando e/ou desenvolvendo nas mesmas o sentimento de pertença por sua cultura de subsistência, fonte maior da alimentação de suas famílias. Aqui, “O currículo assume um lugar de destaque na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Devido a isso, é o território mais cercado, mais normatizado. Mas, também, o mais politizado, inovado, ressignificado (ARROYO, 2011, p. 13 apud MATOS, Cleide Carvalho de. Et al, (2021, p. 414). Porém, percebemos, que a referida instituição escolar não dá o feedback das ações realizadas em seu interior as famílias e a própria colônia de pescadores. O que impede a colônia de receber ações sociais seja de natureza pública e/ou privada.

Nos é perceptível que algumas das respostas dadas foram divergentes, algo esperado, pois são opiniões diferentes, situações e experiências diversas vivenciadas por cada pescador e suas famílias. No enfrentamento da estiagem, por exemplo, um pescador mencionou que vai em busca da pesca em outros açudes, o outro pontuou

as dificuldades enfrentadas no sustento familiar. Além disso, alguns dos entrevistados incentivavam a inserção dos (as) filhos (as) na atividade da pesca, outros não. Nas demais perguntas, as respostas divergiram um pouco, mas todas as respostas estavam alinhadas.

Enfim, a cartografia social sugerida e ensinada na escola, oportunizará aos (as) alunos (as) que, eles (as) sejam protagonistas de sua própria história e construtores de seu mapa social. Uma vez que, apropriando-se da cartografia social, enquanto uma metodologia, esses sujeitos estarão construindo/ampliando seus conhecimentos, sobretudo, de suas culturas, o que acarretará numa aprendizagem significativa e desenvolvimento do sentimento de pertença por conhecer a história e as manifestações culturais de seu lugar. Tendo vez, voz e visibilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desse trabalho, uma construção acadêmica e social, foi para nós um desafio, tendo em vista, que conciliar pesquisas, selecionar textos, ler, estudar o material, saber a, e aprofundar-se na metodologia, elaborar questões acerca da pesquisa selecionada, realizar visitas e entrevistas, sistematizar e analisar as informações coletadas, nos reunir presencialmente e até mesmo online, diante de um término de bimestre, trabalhando quarenta (40) horas semanais em dois municípios ou até em um mesmo, não foi fácil. Mas, conseguimos!

Este trabalho nos oportunizou conhecer o que é uma cartografia social e a importância da mesma para os grupos sociais, principalmente, os grupos de comunidades tradicionais. Não basta apenas reconhecermos esses territórios, mas dar a devida importância aos povos que neles habitam. É preciso que todos, todas e todes conheçam seus lugares, suas histórias, suas manifestações culturais e despertem ou agucem, ainda mais, seu sentimento de pertença por suas comunidades, por seus lugares... Isso é possível. E um bom caminho é a escola.

É preciso que o (a) professor (a) tenha também uma formação inicial que leve em conta suas experiências anteriores e temas que nos inquietam e perpassam o nosso cotidiano.

Conforme Rodrigues (2004, p.34): “A formação docente também chamada formação inicial, é constituída da trajetória escolar do estudante para professor e da trajetória pessoal e acadêmica de cada indivíduo”. Ou seja, esse tipo de formação é constituído pelas experiências anteriores vivenciadas pelos sujeitos enquanto alunos de Curso Normal e/ou Licenciatura em Pedagogia, bem como dos conhecimentos teóricos que os mesmos absorveram durante essa formação. E uma excelente opção para ser trabalhada nesses cursos de formação seriam os conhecimentos alusivos à diversidade.

Os artigos mostram que a diversidade deve fazer parte da estrutura de organização dos cursos de formação de professores. Evidencia-se, portanto, a importância da educação como um espaço de construção de um novo paradigma que possa contribuir na superação das desigualdades. (MATOS, Et al. 2021, p. 414).

A citação supracitada só confirma o que pensamos e, acreditamos, a formação docente deve trabalhar em seu currículo temas como diversidade, a fim de intensificarmos, numa perspectiva inclusiva, justa e igualitária, os saberes e os fazeres

das comunidades que estão à mercê do currículo escolar, combatendo portanto, as desigualdades sociais.

A pesquisa foi realizada na colônia Z 27 (Soledade - PB), com um universo de 4 (quatro) pescadores, que realizam atividades no Açude José Américo, também conhecido por Açude do Estado, através de entrevistas com perguntas semiestruturadas, para construir um retrato de alguns saberes e fazeres da experiência da pesca no semiárido paraibano. Após a coleta dos dados, foi elaborada uma síntese das informações das entrevistas, transcritas fielmente conforme as falas dos entrevistados e que estão contidas no apêndice desse trabalho. A metodologia teve como grande abordagem a cartografia social e se desenvolveu através de levantamentos bibliográficos. Essa pesquisa é de grande relevância para o campo da educação, pois permitirá conhecer um pouco como vivem os (as) pescadores (as) da colônia Z 27, em Soledade – PB e como seus conhecimentos são valiosos.

Vale destacar, o apoio dos pescadores, que se disponibilizaram em contribuir com as informações quando foram solicitados, tendo em vista que a interação entre eles e nós (Academia) foi acolhedora e harmoniosa.

Enfim, este trabalho atendeu nossas expectativas acerca da compreensão do que gostaríamos de saber. Apesar das dificuldades e impedimentos, sua construção foi muito importante para o nosso desenvolvimento intelectual, pois através dela, foi possível conhecer e aprender um pouquinho dos saberes e fazeres da experiência da pesca no semiárido paraibano, ou seja, em nosso lugar, despertando não apenas em nós orgulho de saber que temos tantas culturas, mas que esse lugar é nosso, que o sentimento de pertença que tomou/toma conta de nós, é válido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACSELRAD, Henri. et al. **Cartografia social, terra e território**. Rio de Janeiro, IPPUR/UFRJ, 2013.

_____. **Cartografia social e dinâmicas territoriais: marcos para o debate**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, 2010.

BEGOSSI, Alpina. **Latin América Fisheries: Local organization and management**. Tunísia: Latin América Fisheries. ISSE, 2002. P. 6-9.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**. Brasília, DF. 2017.

CECCON, Claudius. et al. **A vida na escola e a escola da vida**. 3. Ed. Editora Vozes Ltda. Petrópolis, RJ. 1982.

COSTA, Manoel Messias Moraes da. Conhecendo a cartografia social: técnicas, vantagens e limitações. In: **O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense – Produção didático-pedagógica**. 2010. Curitiba, PR. Vol. II.

GORAYEB, Adryane. **Cartografia Social e Populações Vulneráveis**. UFC, Ceará. Fev. 2004.

LEIRA, M. et al. **Piracema: período de preservação dos peixes nativos**. Nuri time, revista eletrônica, Vol.15, N°03, Maio/Jun. de 2018. Disponível em: <https://nutritime.com.br/wp-content/uploads/2020/02/Artigo-466.pdf>. Acesso em 10 de maio de 2020.

MATOS, Cleide Carvalho de. et al. **Identidade e diversidade cultural na formação docente: análise das resoluções do Conselho Nacional de Educação de 2002 a 2019**. Interfaces da Educação, Parnaíba, V.12, N.35, p.398 a 422, 2021. ISSN 2177-7691.

MOREIRA, Erika Vanessa. et al. **O lugar como uma construção social**. Dissertação de mestrado. Revista Formação, n. 14. Vol. 2 – 2007, p. 48-60.

NETO, Francisco Otávio Landim. et al. **Cartografia Social instrumento de construção do conhecimento territorial: reflexões e proposições acerca dos procedimentos metodológicos do mapeamento participativo**. Revista Casa da Geografia de Sobral. Universidade Estadual vale do Acaraú, V. 18, N°. 2, p. 56-70, 2016.

OLIVEIRA, Inês Barbosa. **O currículo como criação cotidiana**. Petrópolis: DPetAlli, 2012. apud. GONÇALVES, Rafael Marques. & ROSA, Diego. **O direito à educação e a cidadania nos/dos currículos pensados/praticados**. Revista Teias. V. 22. N° especial. Out. / dez. 2021.

PEREIRA, Márcia Cristina de Araújo. et al. **Monitoramento dos teores de sais no Açude Soledade**. Artigo Científico. III Workshop Internacional – Sobre água no semiárido brasileiro. Campina Grande, PB. 2017.

RODRIGUES, Janine Marta Coelho. Profissão e profissionais em cena: concepções e tendências pedagógicas. In: RODRIGUES, Janine Marta Coelho & REGO, Rogéria Gaudêncio do. **Formação docente em discussão**: coletando textos, discutindo idéias. 2 ed. João Pessoa: Editora Universitária / UFPB, 2004, pp. 31-36.

ANEXO - FOTOS



Palestra para os pescadores e as pescadoras da Colônia Z 27 em Soledade, PB



Reunião na Colônia de Pescadores em Soledade, PB

OBSERVAÇÃO: Todas as fotos acima foram cedidas pelo Senhor Francisco de Souto Lima (Chiquinho do Alto São José – Presidente da colônia de pescadores e vereador em Soledade - PB). No dia da entrevista ele estava gripado e cedeu essas fotos, tendo em vista, que a sede da Colônia de Pescadores estava fechada, pois está passando por uma reforma em sua estrutura física.



Um dos pescadores filiados a colônia Z 27 e entrevistado, residente em Cubati - PB durante a atividade da pesca

APÊNDICE – ENTREVISTAS

OBSERVAÇÃO: As transcrições das entrevistas realizadas com os pescadores foram transcritas de forma fiel com as pronúncias das palavras ditas pelos entrevistados, residentes nos municípios de Soledade - PB e Cubati - PB.

PERGUNTAS ELABORADAS PELO GRUPO PARA AS ENTREVISTAS:

1. Como vocês, pescadores (as) enfrentam o período da estiagem?
2. De onde surgiu o interesse da escolha da pesca como profissão?
3. A cultura da pesca é repassada para os filhos ou eles são incentivados a seguirem outras profissões?
4. Existe algum período durante o ano que a atividade da pesca não é permitida?
5. Quais as principais dificuldades enfrentadas por vocês pescadores no período da pandemia?

RESPOSTAS DAS ENTREVISTAS

PESCADOR I (Soledade - PB)

1. Como vocês, pescadores (as) enfrentam o período da estiagem?

No período da estiagem nós trabalhamos em outra atividade quando não podemos viajar por outra região que também está sofrendo da mesma forma. Tem região que não tem esse sofrimento com estiagem nós viajamos até lá, pode ser no rio grande do norte, pode ser no alto sertão, onde tem açude público nós vamos até lá.

2. A cultura da pesca é repassada para os filhos ou eles são incentivados a seguirem outras profissões?

Meu pai não se incomodou em me colocar em outra atividade, ele achou normal a gente viver pescando igual a ele, como ele era pescador e a gente viveu dentro do açude pescando junto com ele, a gente achou isso normal, mas já eu já pros meus filhos eu não aconselhei eles entrar nessa não. Tem que ter outro meio, justamente por causa das estiagens de tudo que acontece na nossa região de pesca. Nós não vivemos bem com pesca!

3. Existe algum período durante o ano que a atividade da pesca não é permitida?

Todo ano tem um período de três meses que não pescamos que é para que os peixes se reproduzam e até mesmo o que eles soltam cresçam um pouco. A gente recebemos o seguro defesa que é um salário mínimo por cada mês, então são três salários mínimos, os três meses que é justamente pra gente ficar em casa esperando passar esse período.

4. Quais as principais dificuldades enfrentadas por vocês pescadores no período da pandemia?

Na pandemia as maiores dificuldades era a gente sair para outras regiões que tinha peixe com medo, pois a gente achava que a doença era mais naquela região do que na nossa. A dificuldade era essa, viajar para esses outros açudes, como de Parelhas, Taperoá, esses outros açudes que tinha água, tinha peixe.

PESCADOR II (Cubati - PB)

1. Como vocês, pescadores (as) enfrentam o período da estiagem?

Pescando em açudes particulares, onde ainda tem água.

2. De onde surgiu o interesse da escolha da pesca como profissão?

A falta de ensino educacional, e interesse pela pesca.

3. A cultura da pesca é repassada para os filhos ou eles são incentivados a seguirem outras profissões?

Não, apenas incentivei há os filhos a estudar normalmente.

4. Existe algum período durante o ano que a atividade da pesca não é permitida?

Sim, de 1° de dezembro a 1° de março.

5. Quais as principais dificuldades enfrentadas por vocês pescadores no período da pandemia?

A venda diminuiu e a dificuldade de entrega do peixe.

PESCADOR III (Cubati - PB)

1. Como vocês, pescadores (as) enfrentam o período da estiagem?

O período da estiagem é muito difícil pra gente porque os açudes ficam secos e agente não tem onde ir pescar o peixe, é muito difícil, agente passa até necessidade.

2. De onde surgiu o interesse da escolha da pesca como profissão?

O interesse pela pesca surgiu porque o meu estudo era pouco, não tinha emprego, a dificuldade era grande na época, comecei a pescar, aí me interessei, graças a Deus me tornei um profissional e hoje ainda vivo na pesca, é do que eu vivo há 40 anos.

3. A cultura da pesca é repassada para os filhos ou eles são incentivados a seguirem outras profissões?

A cultura da pesca incentivei meus filhos, mais nem um quiseram seguir, seguiram outros caminhos.

4. Existe algum período durante o ano que a atividade da pesca não é permitida?

Sim, existe sim, de 1º de dezembro a 1º de março é proibido pescar, é proibido por lei.

5. Quais as principais dificuldades enfrentadas por vocês pescadores no período da pandemia?

Durante a pandemia foi muito difícil pra gente, não tinha feira pra gente vender o peixe, o pessoal não saía de casa. pra vir comprar na casa da gente, muitas vezes pegava o peixe e não tinha pra quem vender.

PESCADOR IV (Soledade - PB)

1. Como vocês, pescadores (as) enfrentam o período da estiagem?

No tempo de estiagem não é muito difícil, por que é o, é a área que é melhor pegar o peixe é no tempo da estiagem. Quando tá no tempo da chuva é muita água nos açudes, fica mais difícil. Mas, no tempo da estiagem pa o pescador é bom demais, ele pega o peixe dele pra vender no comércio.

2. De onde surgiu o interesse da escolha da pesca como profissão?

A gente desde criança que a gente samos pescadores, né? Samos pescadores. Meus avô foi pescador, meus pai foi pescador. Aí, daí, eu fiquei nesse, nesse intuito de ser, continuar da luta de pescar e fiquei aqui. Quando foi em 2021, como lhe falei, aí surgiria no Rio Grande do Norte uma oportunidade de eu tá reunido, que eu sempre gosto de participar de reunião, aonde existiu, que existia a colônia de pescadores para dar sustentação aos pescadores aí de lá eu conversei com o pessoal do IBAMA, o pessoal da marinha, o pessoal do DNOCS. Lá, eu pedi a licença da palavra e lá falei com eles que aqui em Soledade tinha um açude aonde o açude tava seco, mas existia muitos pescadores, tinha muita ficha no DNOCS, onde o pessoal era fichado no DNOCS. Aí ele disse: Você pode abrir a colônia lá sem nenhum problema, chamou um cara chamado piruca, que era presidente de no Rio Grande do Norte pra nos ajudar e daí nos comecemos a trabalhar e foi... nasceu em 2004 essa colônia aqui em Soledade. Aí, daí, nos tamo trabalhando nesse objetivo e eu tenho certeza que os pescadores e as pescadoras tudim só tem somente a ganhar, por que aqui onde tem

a assistência técnica também sem ser técnica, nós temos cursos, nós temos vários tipos de atividades aqui pros pescadores.

3. A cultura da pesca é repassada para os filhos ou eles são incentivados a seguirem outras profissões?

Meu querido, aqui em Soledade, é de pai para filho. Por que a gente temos aqui muitos pescadores que o pai foi pescador, os avôs foi pescador, todos foram pescador. 90% dos nossos pescadores aqui é de herança dos pais.

4. Existe algum período durante o ano que a atividade da pesca não é permitida?

Tem. Quatro meses a três meses que o pescador não pode, não pode pescar. Ele tem três meses. Durante esses três meses que ele não pode pescar, aí ele recebe os três meses de salário.

5. Quais as principais dificuldades enfrentadas por vocês pescadores no período da pandemia?

É apoio, né? Apoio. Apoio assim dos poder municipal, dos poderes estaduais por que a gente vê que uma cidade que nem Soledade que até se a gente tivesse o apoio do poderes municipais, a gente, as coisas eram melhor pra o pescador. O pescador aqui que quiser sair pra outra cidade, ele vai ter que bancar do bolso dele. Antigamente, não. Antigamente, a gente tinha apoio dos governos, né? A gente era melhor pra gente. Quando a gente encontra açude tinha, tinha o carro pra levar, tinha o carro para ir buscar. Hoje, não. Hoje o pescador tem de bancar tudo do bolso dele. E na empendemia foi muito pesado pro pescador porque foi um ano muito sofrido. Ano de muita dor com as pessoas, a gente perdemos aqui vários pescador aqui em Soledade, perdemos três pescadoras, perdemos dois pescador pela essa empendemia, que veio aí, né? Essa doença mardita, né? Mas, e aí sempre a gente se adomestiquemos também da luta.

PERGUNTAS EXTRAS FEITAS AO PESCADOR IV (PRESIDENTE DA COLÔNIA DE PESCADORES):

1. Desde quando a pesca se tornou uma importante atividade econômica aqui no município?

Desde 2000... 2014, 2021. 2021 que se tornou importante porque nós conseguimos essa colônia aqui em Soledade em 2024. Conseguimos essa colônia. Adepós que nós conseguimos essa colônia para Soledade, melhorou muito para Soledade, por que antigamente era DNOCS. Mas, o DNOCS era somente para fiscalização e essas coisas toda. Mas, quando partiu para colônia. Hoje a Colônia tem direito ao seguro-defesa, que é o seguro defesa, tem direito a aposentadoria, tem direito ao auxílio maternidade e tem direito a várias coisas que o pescador tem esse recurso a benefício dos pescadores. Por isso que nós tamos trabalhando aqui. Nós temos 15 anos de existência aqui em Soledade. Por que a gente não tem mais ano porque a gente comecemos o açude seco, né? Mas quando o açude encheu a gente comecemos a trabalhar com o objetivo de melhoria pra os pescadores. Agora anda por aí Soledade, Cubati, Olivedos, São Vicente e Pocinhos. Essa é a região onde nossa colônia comanda.

2. Aqui em Soledade - PB, esse é o único reservatório que é usado para pesca? Ou vocês além desse, tem outros mananciais aqui no município mesmo ou vão pescar também fora?

Aí nos vamos pra fora. Aqui só tem esse. Mas, a gente vai pra fora. A gente vai pra Mucutu, município de Juazeirinho e Taperoá. O açude Taperoá é município de Taperoá, agora onde o maior número de gente que pesca é no Rio Grande do Norte. É em Parelhas. Parelhas tem dois açudes que tem grande potencial. É o açude de Boqueirão. O açude de Boqueirão tem um grande potencial lá no Rio Grande do Norte, onde as pessoas daqui vai pescar lá.

3. No período de seca, como é que vocês enfrentam este período?

Nós enfrenta o período de seca, normalmente, né? É. Os caba pescando, vão pescar no açude aqui seco, teve seco. Mas, vão pescar no Mutucu, vão pescar em Taperoá, vão pescar no Rio Grande do Norte, vão pescar em Pernambuco. Aí coloca no lugar

todos os pescadores que o pescador, ele profissional, ele pode pescar em qualquer região que pertencer a área do, do governo federal.

4. Vocês pescadores (as) têm o apoio de alguma entidade que ajuda vocês com cursos?

Nós temos. Nós temos entidade. Nós temos, nós somos parceiros da CONAD. A CONAD sempre compra o nosso material, faz 10 anos que a CONAD sempre compra nosso material, nosso peixe, nosso pescado. Nós tem também um rapaz chamado Dudu que é um cara que dá muita assistência, que é engenheiro, que dá muita assistência a nós aqui, a nossos pescadores. Graças a Deus, nós tem o apoio de... das pessoas não políticas, mas sim pessoas que querem ajudar os nossos pescadores.

5. Quando e quem foram os fundadores dessa colônia de pescadores?

Foi 2004 que nem eu te falei, né? A gente fumo à João Pessoa e lá em João Pessoa e abria, tinha uma vaga para cuselo, para uma colônia. E daí, lá eu tava mais minha esposa, lá em João Pessoa numa reunião estava lá, imediatamente, falei com o pessoal da marinha e do IBAMA, aí consegui, consegui registrar o nome da minha esposa que tem fim que o nome dessa colônia é o nome de meu pai que nós não conhecia o nome completo de alguns pescadores, a gente não tinha a noção de quantas pessoas que era pescadores mais efetivo. Aí coloquei o nome do meu pai: Antônio Inácio de Lima. Ela se chama Antônio Inácio de Lima, vulgo 27. Por que todas colônias tem que ter seu matrícula. A da gente é Z 27. Aí, daí, nós se fumos pro Ministério do Trabalho e registremo lá esse nome e de lá veio, chegou o selo. Chegou o selo. Hoje, a gente trabalha aqui desde esse dia, quando foi, de repente, fizemos a eleição, a minha esposa passou quatro anos e depois de quatro anos, aí eu fiquei a frente, eu tô com dois mandatos dessa colônia aqui de pescadores.

6. O senhor sabe ou se lembra agora quantos pescadores (as) vocês têm filiados (as) na colônia?

Nós tinha duzentos e noventa e duzentos e noventa. Hoje, nós temos aposentados, nós temos cinquenta aposentados. Nós temos vinte e um, vinte e um que é do caso de morte, de, de... essas coisas e nós temos cinco encostados por validez de doença, que é, que foi válido, que não podem trabalhar. Nós temos um total hoje de cento e dezenove, cento e noventa e oito nessa média de efetivos.

7. Como presidente da colônia de pescadores, o senhor já foi convidado para ir para alguma escola falar do seu trabalho? Esses saberes e fazeres, que passa de pai para filho, estão sendo trabalhados na escola? Como?

Aqui teve a escola daqui, a Juvina. A Juvina daqui do auto São José foi uma, teve um encontro lá com as crianças. E as crianças ela foi muito importante, que as crianças lá perguntando como fundou a colônia, como foi a colônia, tudo gravado, né? Mas só que a menina não passou nem a gravação desse sistema, desse sistema que foi feito. Eu tenho que pedir a ela por que nós depende muito da ação social. Pro social isso é importante pra gente. Pra gente ter esse documento. Mas, ela não passou pra gente esse informação. Mas, qualquer hora vou cobrar da professora que foi um dia muito importante que as crianças perguntando; quem foi o fundador? Quem foi os... contando a história da colônia todinha. Agora, no dia, tinha uma mulher sacodindo a tarrafa lá, mas a mulher por causa da empendemia não pode ir. Mas, a minha mulher quem sacode a tarrafa.